



MELECA, SOLUÇÃO E VOMITAR: UMA AMOSTRA DO LÉXICO DO NORTE E DO SUL DO BRASIL¹

Daiane Cunha dos Santos²
Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso³

RESUMO: *O presente trabalho tem por objetivo a descrição e a análise de designações referentes ao campo léxico-semântico Corpo Humano em capitais das regiões Norte e Sul do Brasil, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия Pluridimensional e da Geolinguística contemporânea. Constituiu-se o corpus a partir de um segmento do Questionário Semântico-Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) que compreende os campos Corpo Humano e Ciclos da Vida. Entrevistaram-se in loco 72 informantes, distribuídos, igualmente, por ambos os sexos, por duas faixas etárias (Faixa I de 18 a 30 anos e Faixa II de 50 a 65 anos) e por dois graus de escolaridade (Fundamental e Universitário). A análise preliminar dos dados revela que certas unidades lexicais são extensivas às duas regiões brasileiras, e que outras, como, por exemplo, bostela e tatu, caracterizam o uso dialetal, respectivamente, do Norte e do Sul, evidenciando, dessa maneira, preferências de uso lexical segundo o espaço geográfico. Por outro lado, verifica-se a correlação entre determinados itens lexicais e os fatores sociais mantidos sob controle, a exemplo do emprego da variante jojoca exclusivamente por informantes da segunda faixa etária, configurando, assim, a variação diageracional.*

Palavras-chave: Diversidade linguística; Léxico; Corpo humano.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a heterogeneidade é um princípio geral e universal, inerente a qualquer língua natural. A diversidade linguística encontra-se motivada por condicionamentos variados e simultâneos que se manifestam tanto no eixo diatópico, constituindo comunidades dialetais de acordo com os limites físico-geográficos, quanto no eixo diastrático, gerando padrões com base em indicadores sociais. Como ressaltam Oliveira e Isquierdo (1998, p. 7), essa dinamicidade é evidenciada, sobremaneira, no léxico, nível linguístico que expressa proeminentemente a mobilidade das estruturas sociais, seus valores, suas crenças, seus hábitos, mas também as inovações tecnológicas, as transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas em uma sociedade.

A pesquisa de Mestrado que se vem desenvolvendo e à qual se vincula o presente trabalho se configura como um estudo léxico-semântico de perspectiva onomasiológica. Busca-se descrever e analisar as designações referentes ao campo léxico-semântico *Corpo Humano*, na língua falada em capitais das regiões Norte e Sul do Brasil, com base no banco de dados do

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia. Pesquisadora do Programa de Estudo da Diversidade Linguística no Brasil (DIVERSITAS) e do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). E-mail: daiannecunha@yahoo.com.br — Autora.

³ Professora Doutora Associada Nível 01 da Universidade Federal da Bahia e Professeur Invité na Université Paris 13, UFR LSHS. Pesquisadora do DIVERSITAS e do Projeto ALiB. E-mail: suzalice@ufba.br — Orientadora.



Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) e sob a orientação dos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoologia Pluridimensional e da Geolinguística contemporânea.

Constituiu-se o *corpus* a partir de um segmento do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB que recobre trinta e sete perguntas, constantes dos campos *Corpo Humano* e *Ciclos da Vida* (Cf. COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001). Da rede de pontos do Projeto ALiB, composta por duzentas e cinquenta localidades (Cf. MOTA; CARDOSO, 2006, p. 267-275), tomaram-se, para a pesquisa, os dados documentados nas capitais dos Estados das regiões Norte e Sul — Macapá-AP (Ponto 002), Boa Vista-RR (Ponto 003), Manaus-AM (Ponto 006), Belém-PA (Ponto 012), Rio Branco-AC (Ponto 020), Porto Velho-RO (Ponto 021), Curitiba-PR (Ponto 220), Florianópolis-SC (Ponto 230) e Porto Alegre-RS (Ponto 243). Entretanto, Palmas, a capital do recém-criado Estado de Tocantins⁴, não foi contemplada por caracterizar-se como uma cidade ainda em formação e, por conseguinte, não apresentar habitantes que atendessem aos pré-requisitos estabelecidos pelo Projeto.

Os inquéritos linguísticos foram realizados *in loco* pelas equipes regionais do Projeto ALiB. Entrevistaram-se setenta e dois informantes, oito em cada localidade, distribuídos, equitativamente, por ambos os sexos, por duas faixas etárias (Faixa I de 18 a 30 anos e Faixa II de 50 a 65 anos) e por dois graus de escolaridade (Ensino Fundamental incompleto e Curso Universitário).

Adotaram-se, portanto, os métodos e técnicas do Projeto ALiB, priorizando a variação espacial, mas, ao mesmo tempo, atentando para as implicações de natureza social que não se podem, como enfatiza o Comitê Nacional do Projeto ALiB (2008), deixar de considerar no estudo da língua.

ANÁLISE DOS DADOS

Selecionaram-se, para este trabalho, apenas três questões do Questionário Semântico-Lexical, a saber: QSL 102 – Meleca, QSL 103 – Solução e QSL 112 – Vomitar. Manteve-se, ainda, sob controle a pergunta do Questionário Fonético-Fonológico (QFF 127) que se refere ao ‘material que foi expelido do estômago pela boca’, ou seja, o item *vômito*. Salienta-se que não foram computadas, nesta análise, as variantes de ocorrência única, tendo em vista a totalidade dos registros.

QSL 102 – Meleca

Com referência à ‘secreção ressecada do nariz’, documentaram-se as variantes *meleca* (35%), *bostela* (25,5%), *tatu* (17,5%), *cataraca* (8%), *catarata* (7%), *caca* (4,5%) e *catota* (2,5%). Somente as lexias *meleca*, *caca* e *catota* foram comuns às regiões Norte e Sul. *Bostela*, *cataraca* e *catarata* foram registradas exclusivamente no Norte, e *tatu*, apenas no Sul. A região Norte apresenta maior diversidade de usos, com o emprego de seis variantes, dentre as quais *bostela* e *meleca* são as de maior frequência, com, respectivamente, 38% e 33% das ocorrências regionais. No Sul, foram atestadas quatro variantes, das quais *tatu* apresenta maior

⁴ De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Estado de Tocantins foi desmembrado do Estado de Goiás em 1988, tendo como capital o Município de Palmas, dissociado, por sua vez, do Município de Porto Nacional, pela resolução nº 28, de 29 de dezembro de 1989.

representatividade dialetal, com 53,5% das ocorrências dessa região. A distribuição diatópica das referidas variantes pode ser verificada com a Carta Linguística⁵ QSL 102 – MELECA, Figura 1.

No *Dicionário Houaiss* (2001), são reconhecidas, como variantes de *meleca*, as lexias *burrié*, *caco*, *cagaita*, *langonha*, *macaco*, *monca*, *monco* e *ranho*. O item lexical *bostela* encontra-se dicionarizado, com as seguintes acepções ‘crosta de ferida’, ‘coisa suja’, dentre outras. No uso linguístico da região Norte, foi atribuída a esse vocábulo a acepção ‘secreção seca nasal’, por extensão de sentido. De acordo com o Dicionário, o uso de *tatu* com a acepção ‘ranho seco’ é marcado pela informalidade. A lexia *cataraca* é considerada como um regionalismo brasileiro e apontada como variante de *caraca*, ‘secreção ressecada do nariz’. São registradas para *catarata* apenas as acepções ‘queda-d’água’ e ‘opacidade parcial ou total do cristalino ou de sua cápsula’, não havendo, pois, referência ao conteúdo em análise. *Caca* está dicionarizada com as acepções ‘excremento’ e ‘qualquer porcaria’, cujo emprego é classificado como informal. Nota-se que houve, portanto, ampliação de sentido desse vocábulo, passando a ser utilizado como variante de *meleca*. *Catota* é, por sua vez, caracterizada como um regionalismo do Nordeste do Brasil, de uso informal. No entanto, constatou-se essa lexia também nas regiões Norte e Sul, não obstante a baixa frequência na amostra considerada.

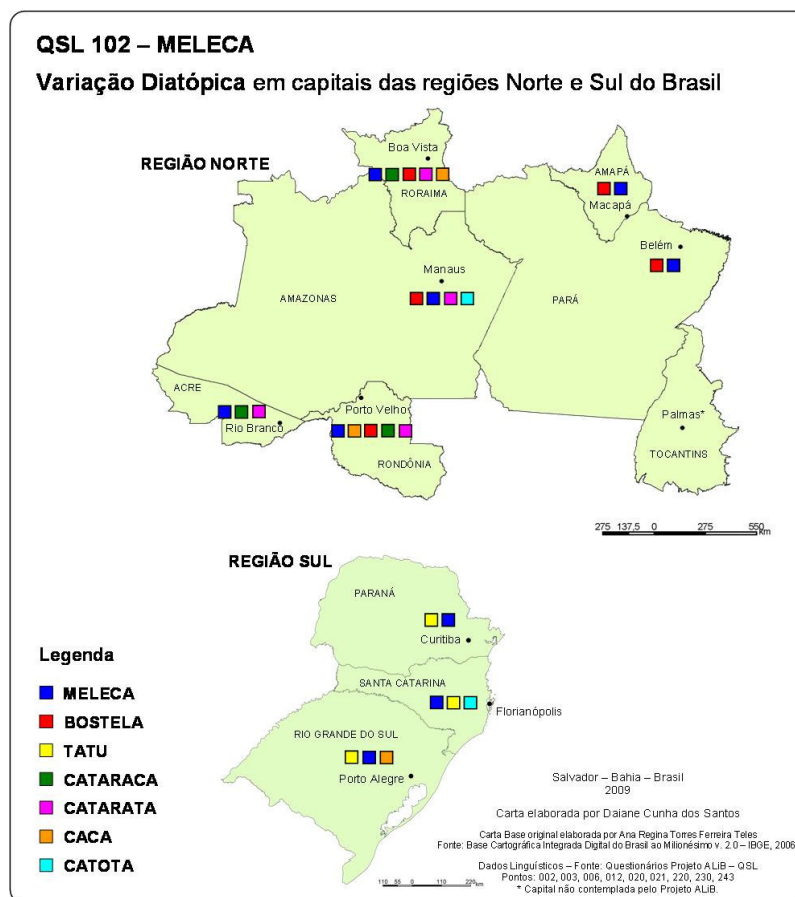


Figura 1 – Carta Linguística QSL 102 – Meleca, Variação Diatópica em capitais das regiões Norte e Sul do Brasil.

⁵ Nas Cartas Linguísticas, foram mantidas as cores utilizadas nos gráficos, bem como a ordem das variantes de acordo com a frequência total, a fim de propiciar uma melhor identificação dos itens lexicais.



O registro de *catota*, na Região Norte, deve-se, certamente, ao contato linguístico entre a informante 006/6 (mulher, faixa etária I, universitária, natural de Manaus) e uma amiga natural da região Centro-Oeste. Transcreve-se, a seguir, o fragmento do inquérito, em que ela explica a motivação do uso dessa variante:

- INQ. – E essa sujeirinha dura que se tira com a unha lá de dentro?
INF. – Ai, tem vários nomes, tem *meleca*, *catota*, é *bostela* ((risos)). [...]
INQ. – E qual que é o mais comum que você ouve?
INF. – Eu ouço mais *meleca*, tirando *meleca* do nariz.
INQ. – Isso, ahn. E o *catota* também aparece?
INF. – ***Catota* também. Na verdade, eu não sei se tem muito em Manaus, eu tenho uma amiga que veio de Goiânia, que fala muito *catota*, então eu acho que já... coloquei na cabeça. É, eu já coloquei na cabeça. Eu nem sei se, se se fala muito. [...]** A *bostela* é daqui.
INQ. – Ah...
INF. – *Bostela* eu já ouvi muita gente falar.

Foi possível averiguar a preferência lexical condicionada pela escolaridade dos informantes (Cf. Gráfico 1). Na região Norte, a variante *meleca* foi a mais utilizada pelos universitários, enquanto *bostela* foi mais produtiva entre os de escolaridade fundamental. Na região Sul, contrariamente, *meleca* foi mais frequente entre os informantes de menor escolaridade. Além disso, vale destacar que a variante *catota* foi registrada apenas por universitários das duas regiões.

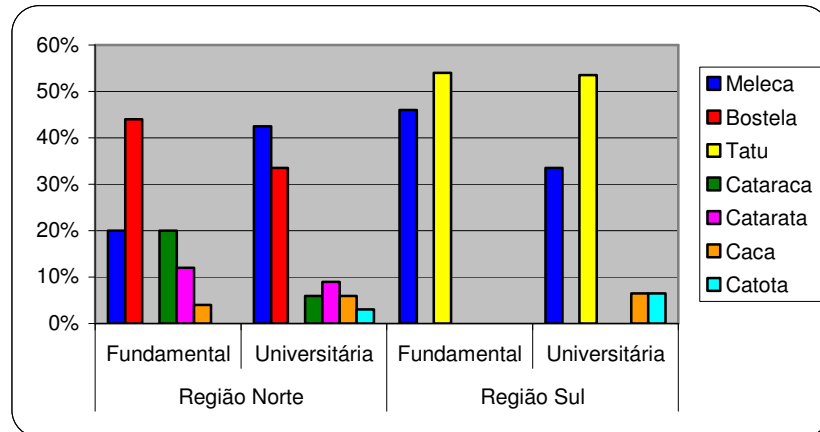


Gráfico 1 – Variantes lexicais do item *meleca* em função da variável escolaridade e da distribuição espacial.

No que diz respeito ao uso de *cataraca* e *catarata*, a informante 003/2 (mulher, faixa etária I, escolaridade fundamental, natural de Boa Vista) foi a única a empregar ambas as variantes para referir-se à ‘sujeirinha dura que se tira do nariz’, revelando, porém, insegurança quanto à forma da palavra. Por outro lado, para designar a ‘opacidade parcial ou total do cristalino ou de sua cápsula’ (QSL 096), utilizou a lexia *carne crescida*. Ressalta-se, contudo, que, em Boa Vista, foram documentadas, com referência a este último conteúdo semântico, as variantes *carne crescida* e *catarata*, cada qual com 50% das ocorrências.

QSL 103 – Solução



Com referência à ‘contração involuntária do diafragma seguido de ruído característico [Ocorre, às vezes, após a ingestão de líquido ou sólido.]’, constataram-se as variantes *solução* (92%), *salução* e *jojoca* (ambas com 4%). No tocante à distribuição diatópica, a lexia *salução*, considerada, pelo *Dicionário Houaiss*, um diacronismo antigo de uso informal, foi documentada tanto na região Norte, especificamente em Manaus, quanto no Sul, em Florianópolis. Já o vocábulo *jojoca* que, por sua vez, não se encontra dicionarizado, foi empregado exclusivamente em Curitiba. Confere-se a distribuição espacial das variantes com a Carta Linguística QSL 103 – SOLUÇÃO, Figura 2.

Atestou-se o item lexical *salução* apenas no discurso dos informantes do sexo masculino, com o percentual de 4% das ocorrências da região Norte e 14,5% das registradas no Sul, o que revela a variação diagenérica (Cf. Gráfico 2).

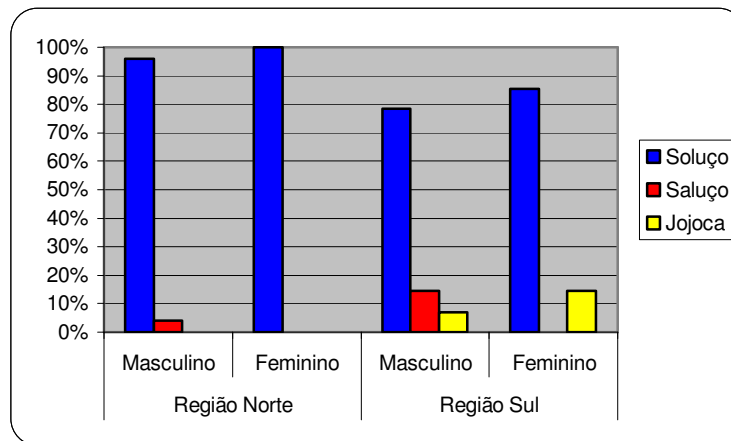


Gráfico 2 – Variantes lexicais do item *solução* em função da variável sexo e da distribuição espacial.

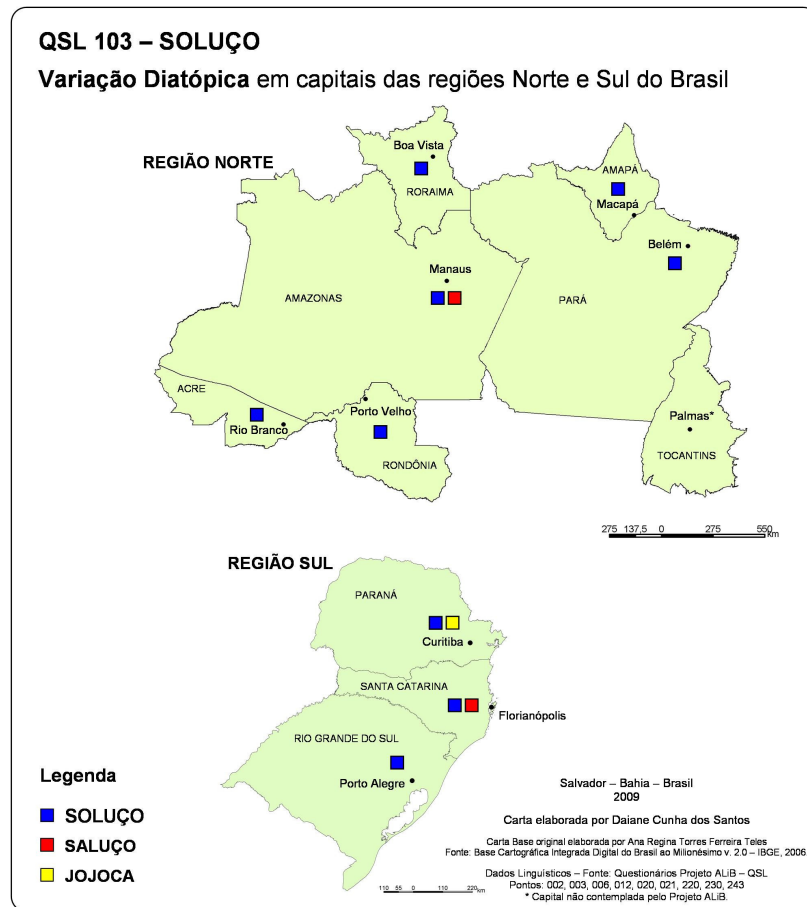


Figura 2 – Carta Linguística QSL 103 – Solução, Variação Diatópica em capitais das regiões Norte e Sul do Brasil.

No Norte, o vocábulo *solução* foi utilizado por um informante da segunda faixa etária, universitário (006/7) e, no Sul, por um informante jovem (230/1) e por um da segunda faixa etária (230/3), ambos de escolaridade fundamental. Portanto, diferentemente da região Norte, essa variante foi documentada, no Sul, apenas por falantes de baixa escolaridade (Cf. Gráfico 3).

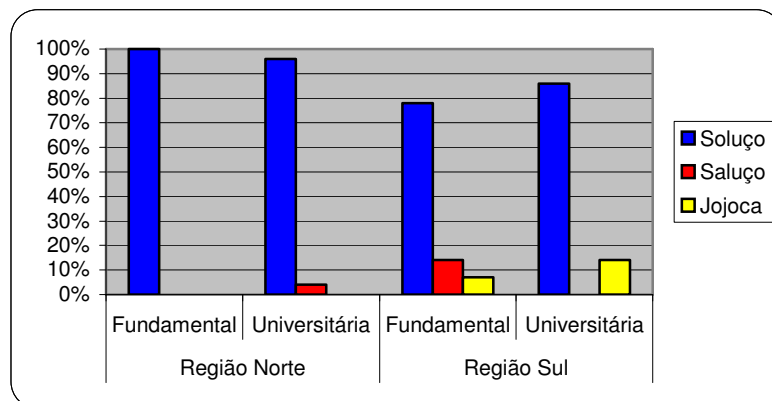


Gráfico 3 – Variantes lexicais do item *solução* em função da variável escolaridade e da distribuição espacial.



Embora seja considerado um arcaísmo, *saluço* foi empregado por informantes de ambas as faixas etárias. A lexia *jojoca*, por sua vez, foi registrada apenas por falantes da segunda faixa etária, representando 19% das ocorrências da região Sul (Cf. Gráfico 4).

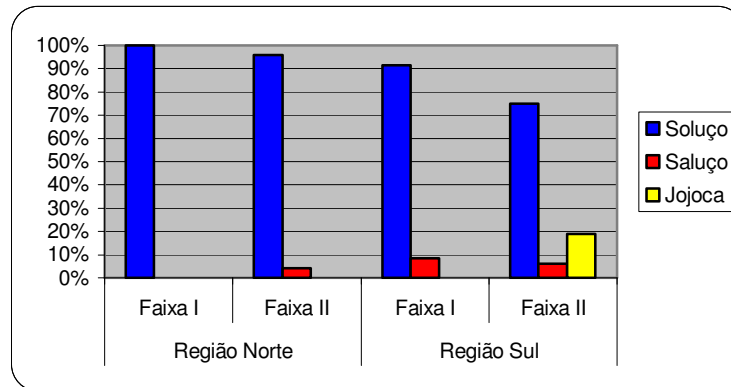


Gráfico 4 – Variantes lexicais do item *soluço* em função da variável etária e da distribuição espacial.

De acordo com o informante 006/7 (homem, faixa etária II, universitário, natural de Manaus), o uso das variantes está condicionado por fatores étnico, social e diatópico:

INQ. – Esse barulhinho que nenê faz...?

INF. – A... aquilo é o *soluço*.

INQ. – Também não tem outro nome?

INF. – Não, não, é, agora... **o caboclo, se a senhora fô lá no meio do mato e fala isso pro caboclo, ele vai dizê: “Saluço.”.**

INQ. – “Ai, meu filho tá com...”, o quê?

INF. – **Sa... “Ai, meu filho tá com saluço.”, mas se a senhora perguntar na cidade, o cara vai dizê: “Soluço.”.**

É interessante salientar que o informante jovem (230/1) que emitiu a variante *saluço* (*sauço*), imediatamente depois, empregou a perífrase verbal *está soluçando*, utilizando, desse modo, o radical *soluç*:-

INQ. – E esse barulhinho que se faz?

INF. – **Sauço. Tá soluçando.**⁶

INQ. – Qual é...

QSL 112 – Vomitar

Com referência à ação de ‘expelir pela boca (o conteúdo do estômago)’, registraram-se as variantes *vomitar* (76%), *provocar* (15%), *regurgitar* e *baldear* (ambas com 4,5%). Os vocábulos *vomitar* e *regurgitar* foram atestados nas duas regiões. Documentaram-se, por outro lado, *provocar* e *baldear* somente no Norte. Verificou-se que o uso de *provocar* foi extensivo a todas as capitais dessa região, com exceção de Macapá e Belém, onde se constatou o uso de *baldear*, como se pode observar com a Carta Linguística QSL 112 – Vomitar, Figura 3.

⁶ O trecho sublinhado indica que houve superposição entre a fala do inquiridor e a do informante.



O condicionamento que o fator estrático exerce sobre o uso da variante *provocar* é reconhecido pelo informante 003/5 (homem, faixa etária I, universitário, natural de Boa Vista):

INQ. – Se uma pessoa come muito e sente que vai botar para fora o que comeu, se diz que ela vai o quê?

INF. – *Vomitá? Vomitá, provocá, é... provocá o pessoal* usa... o pessoal usa muito também aqui.

INQ. – *Provocar?*

INF. – ***Provocar. Aí, também depende da camada social.***

No que tange ao uso da variante *regurgitar*, duas variáveis sociais mostraram-se relevantes — a escolaridade e a faixa etária (Cf. Gráficos 5 e 6). Esse vocábulo foi exclusivamente registrado por universitários, sendo, na região Norte, por informantes da segunda faixa, já na região Sul, por apenas uma jovem.

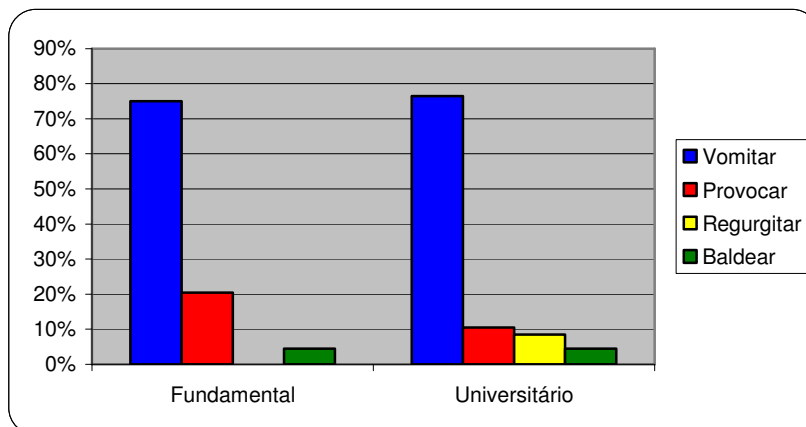


Gráfico 5 – Variantes lexicais do item *vomitar* em função da variável escolaridade.

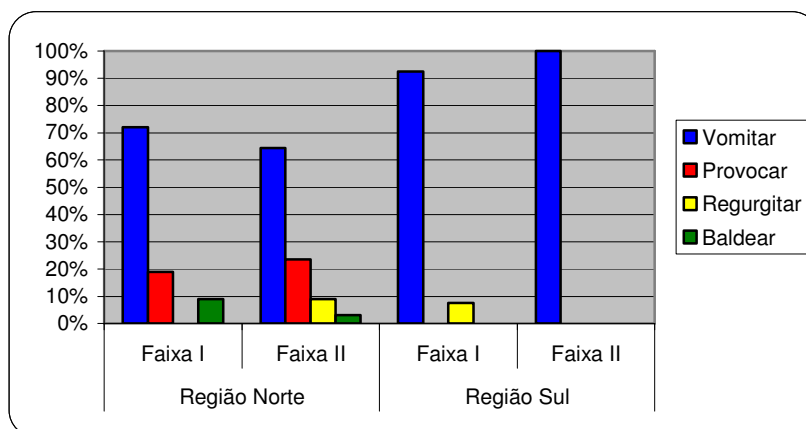


Gráfico 6 – Variantes lexicais do item *vomitar* em função da variável faixa etária e da distribuição diatópica.

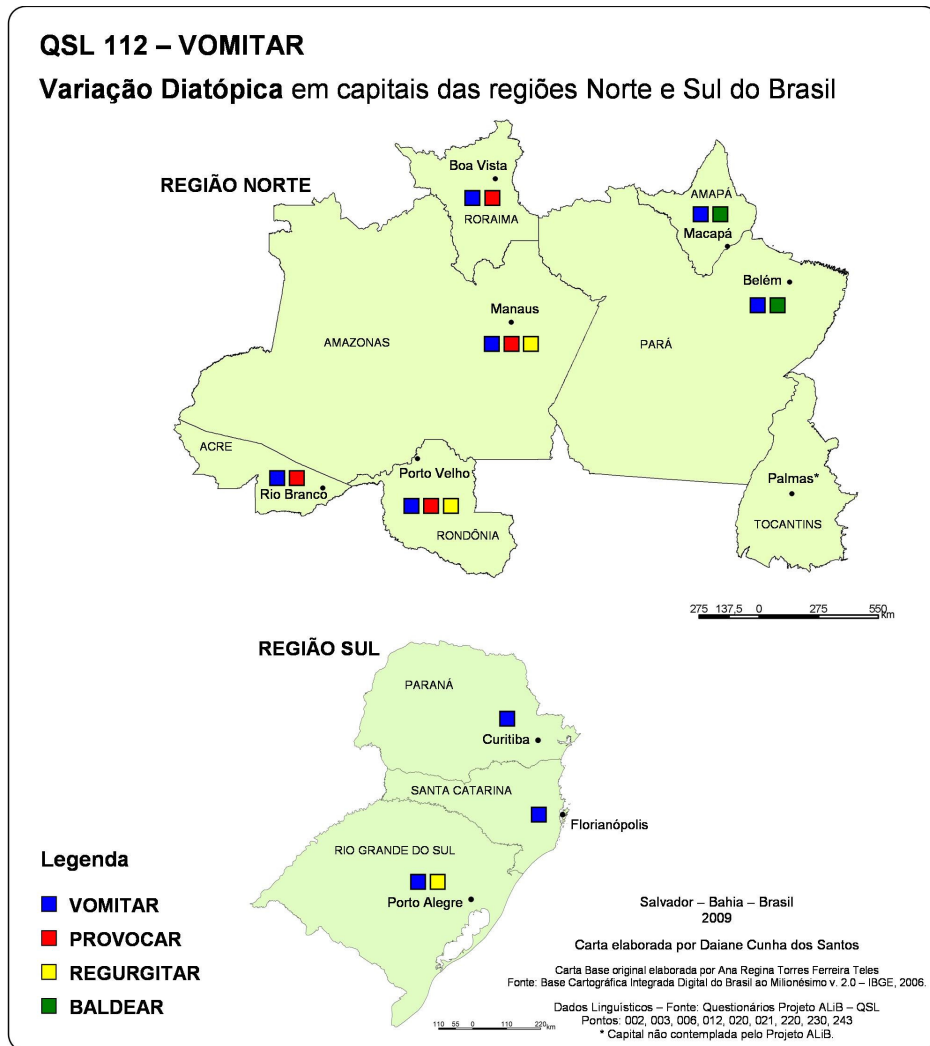


Figura 3 – Carta Linguística QSL 112 – Vomitar, Variação Diatópica em capitais das regiões Norte e Sul do Brasil.

O informante 006/7 (homem, faixa etária II, universitário, natural de Manaus) tece considerações acerca da lexia *regurgitar*, asseverando que se trata de um processo fisiológico próprio dos animais ruminantes:

A propósito do QFF 127,

INQ. – A pessoa faz sair pela boca quando comeu uma comida que fez mal?

INF. – A pessoa *vomitou*.

INQ. – Tem outro nome por aqui?

INF. – Não, é o... o... é..., é o..., é o *vômito* é o... o... *regurgitar*, num é, que num é o correto, o... o... o... *regurgitar* é um *vômito* provocado, é o que certos, é o que os ruminantes fazem, cer... certos pássaros, certos animais, eles, e eles botam pra fora, mastigam e engolem de novo. Aquilo que é o *regurgitar*, mas é o *vômito*. A pessoa *vomitou*. É o que se usa aqui...



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se que o uso dos itens lexicais em análise é condicionado por fatores extralinguísticos. A distribuição diatópica de certas lexias confere singularidade dialetal entre as regiões brasileiras. Os vocábulos *bostela*, *cataraca*, *catarata* (QSL 102 – MELECA), *baldear* e *provocar* (QSL 112 – VOMITAR) foram documentados exclusivamente nas capitais da região Norte. Por outro lado, *tatu* (QSL 102 – MELECA) e *jojoca* (QSL 103 – SOLUÇO) foram registrados apenas na região Sul. A disposição dessas variantes definidoras de áreas dialetais pode ser visualizada com a Carta-Resumo, Figura 4.

No tocante às variáveis sociais, constatou-se a variação diagenérica no uso da variante *saluço*, excepcionalmente, por informantes do sexo masculino. Já a variação diageracional se revelou no emprego de *jojoca* por informantes da segunda faixa etária. A variação diastrática, por seu turno, fez-se notar na utilização de *regurgitar* por informantes universitários.

A documentação referente às capitais das regiões Norte e Sul do Brasil, portanto, evidenciou preferências de uso lexical conforme a área geográfica e as variáveis sociais mantidas sob controle, o que corrobora o princípio da heterogeneidade linguística e, por conseguinte, da atuação das variáveis externas, sobretudo, no nível léxico-semântico.

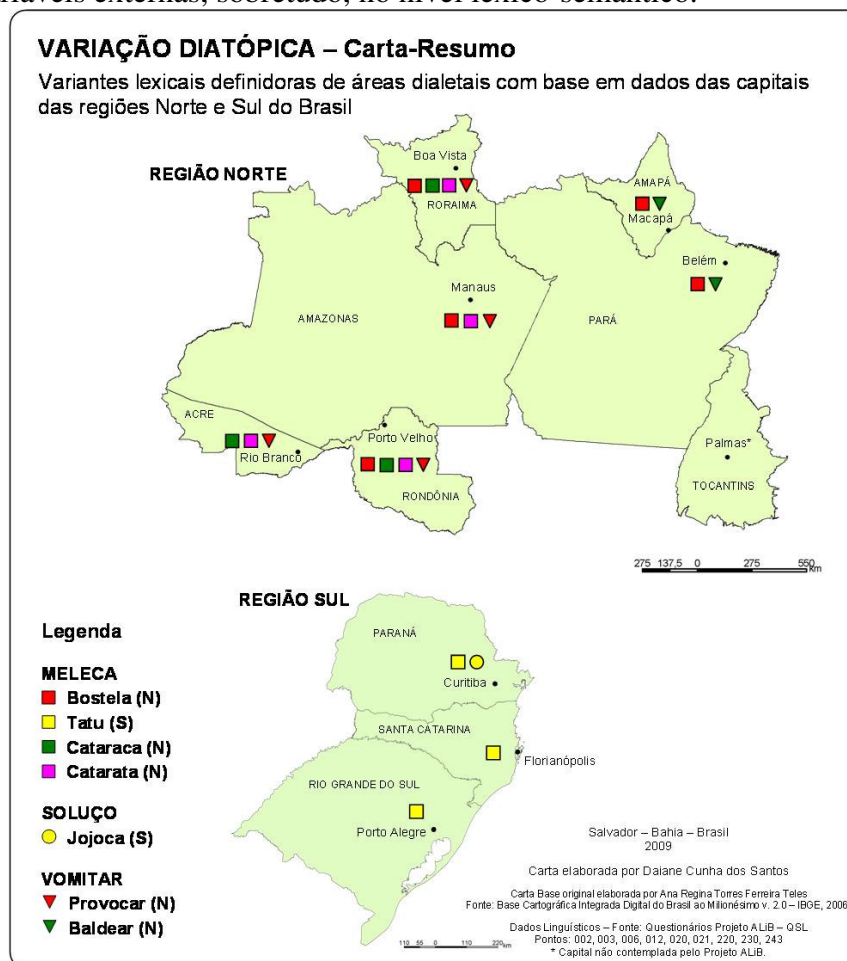


Figura 4 – Carta-Resumo, Distribuição Diatópica das variantes definidoras de áreas dialetais.



REFERÊNCIAS

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**: questionários 2001. Londrina: Ed. da UEL, 2001.

_____. **ALiB**: Atlas Linguístico do Brasil. Disponível em: <www.alib.ufba.br>. Acesso em: 31 maio 2008.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE cidades@**: Palmas-To: histórico. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 fev. 2009.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. S. (Org.). **Documentos 2**: Projeto Atlas Linguístico Brasil. Salvador: Quarteto, 2006.

OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Ed. da UFMS, 1998.